

Lindo beijar quem está morrendo

O beijo no asfalto constitui uma imersão do Teatro Nacional São João num dos ‘clássicos contemporâneos’ da dramaturgia brasileira, com intérpretes brasileiros residentes em Portugal e direcção de Tónan Quito. A peça chega agora a Almada — com as duas sessões esgotadas — após uma carreira de três semanas no Porto.

Será que poderia acontecer a qualquer um? Arandir, um pequeno-burguês brasileiro, um anónimo burocrata, está à espera do sinal verde para atravessar a estrada. Vem acompanhado pelo sogro. A dada altura, um desconhecido ao seu lado atravessa e é atropelado por um autocarro, projectando-o alguns metros. Morre pouco depois, não sem antes pedir a Arandir que o beije na boca. Será um pedido assim tão insólito?

Arandir acha que não, e dá-lho. Mas a esmagadora maioria dessa sociedade brasileira do início dos anos 60, influenciada por uma imprensa sensacionalista e por uma polícia corrupta — estamos a poucos anos do golpe que instalará a ditadura militar, em 1964 —, acha que sim. *O beijo no asfalto* é sobre homofobia. Sobre a condenação violenta “do homossexualismo, da viadagem”, como se diz na peça. Será esse beijo — acto-contínuo de um *everyman* que assiste à morte em directo — um acto nobre e solidário? Ou será que “Beijo é crime”, como sai nos jornais, e estamos perante o assassinio de um homossexual por outro?

A viúva daquele que morre deixa-se corromper, e chega a declarar que os dois homens se

conheciam e eram amantes. A mulher daquele que beijou, casada há um ano, jura que isso é impossível, embora deixe escapar: “Como é que um homem pode amar outro homem?”. As reacções à estreia desta peça dividiram-se entre o aplauso e o escândalo: para muitos sectores da sociedade brasileira de então, era insuportável que viesse ao de cima o que estava (e deveria permanecer) reprimido. Seria tolerável um homem ser casado, amar a sua mulher, e amar também outro homem? Para a jovem cunhada de Arandir (que também o amava a ele), sim. Mas para o velho sogro de Arandir, não. O final desta peça traz-nos um volte-face inesperado: a morte, de novo, fechando um círculo e deixando-nos de sobranceiras arqueadas.

O beijo no asfalto pertence ao último e

mais profíquo conjunto de peças de Nelson Rodrigues, por si denominadas “tragédias cariocas”. Escrita em 1960, a pedido da célebre actriz brasileira Fernanda Montenegro, estreia-se no ano seguinte envolta em sucesso e polémica. Em contraste com a “unanimidade burra”, Arandir proclama o valor do gesto solitário (“Lindo beijar quem está morrendo!”), um dos assuntos mais recorrentes na obra de Nelson Rodrigues, para quem esta peça era, acima de tudo, uma inquirição metafísica sobre o problema da morte. Poder-se-ia dizer que, ao beijar um desconhecido agonizante, Arandir beija na boca a própria morte.

**Amanhã e Terça no Teatro Municipal
Joaquim Benite**



© José Caldeira

Incendiar o pensamento

Amanhã a Esplanada da Escola D. António da Costa recebe as encenadoras da peça *Burn Burn Burn* — Catarina Rôlo Salgueiro e Isabel Costa, do colectivo Os possesores, apresentada no Palco Grande na última Sexta-feira. As autoras deste espectáculo trazem a debate uma visão assaz própria da obra clássica de Ray Bradbury *Fahrenheit 451*, que é a temperatura a que arde o papel. Inspirada num mundo onde os bombeiros apagam o fogo do pensamento crítico e da autonomia cognitiva, e onde os livros dos grandes mestres são apagados da memória colectiva, *Burn Burn Burn*, em digressão pelo País, desafia o público à reflexão. Mais do que isso, as duas criadoras

convidam cada um a questionar-se sobre a urgência da literatura no combate à crescente polarização do mundo contemporâneo.



© Filipe Ferreira

Sentido dos Mestres começa amanhã

Começa amanhã, na Casa da Cerca — Centro de Arte Contemporânea, a primeira das cinco sessões do curso de formação *O sentido dos Mestres*, dirigido pelo actor, encenador e co-director do Teatro Meridional, Miguel Seabra. A 13.ª edição deste curso focar-se-á numa componente teórica, por um lado, e outra iminentemente prática, dedicada ao processo de criação teatral desenvolvido no Teatro Meridional. Os participantes terão a oportunidade “de errar, crescer e analisar de forma crítica a execução destes processos artísticos”, descreve Seabra. Ou “falhar de novo; falhar melhor”, como diria Samuel Beckett.

“Pior do que Tchecov, só Shakespeare”

O início da conversa é marcado pelo burburinho do público, numa cacofonia de vozes que aguardam ansiosamente pelo começo do Encontro da Cerca de ontem à tarde. O painel — composto por Graça P. Corrêa (dramaturga e encenadora), Miguel Fragata (actor e encenador), Rita Calçada Bastos (actriz e encenadora) e Victor Hugo Pontes (coreógrafo e encenador) entra em cena. João Carneiro, o moderador, abre a discussão invocando o tópico que traz aquelas mais de 60 pessoas à Casa da Cerca: a peça *A gaivota*, de Tchecov, escrita em 1896. Carneiro cita a obra *Olhai a neve a cair*, de Roger Grenier, um pequeno livro de impressões sobre o dramaturgo russo editado na colecção Empilhadora, do Teatro Nacional São João. Pouco depois, citando Katherine Mansfield, diz-nos também: “Ah, Tchecov! Por que estás morto? Por que não posso eu conversar contigo, numa sala um pouco escura, com a luz do candeeiro da rua a reflectir-se no tecto, e ver-te?...”.

Esta interrogação acaba por encontrar eco em Graça P. Corrêa, que conta ter-se apercebido da beleza de Tchecov e do seu apurado sentido cómico por meio de um saco de plástico — que lhe foi dado por Carlos Fernando — cheio de obras do autor: o encenador preparava a sua encenação de *A gaivota* no Teatro da Graça, tendo falecido entretanto, e Corrêa realizou a assistência de encenação desse espectáculo dirigido por Gastão Cruz. A dramaturgista acrescenta ainda que Tchecov retrata o “humano e a sua vida fugaz”, e que, apesar do uso de uma linguagem aparentemente simples, o autor retrata ao pormenor a hipocrisia da sociedade em que viveu.

Victor Hugo Pontes, que dirigiu *Se alguma*

vez precisares da minha vida, vem e toma-a (apresentada em 2016), explica que o título desta sua coreografia lhe surgiu da citação da frase que a actriz Nina indica ao celebrado escritor Trigorin. Por seu lado, Rita Calçada Bastos diz ter-se interessado pelo paradigma da actriz que aos 20 anos pensava que ia atingir certas metas e alcançar um determinado posto, mas que aos 40 se encontra numa posição inesperada, explicando que o ponto aonde chegamos é o resultado das nossas escolhas. A encenadora afirma ainda que *A gaivota* a ajudou a reaproximar-se do teatro numa altura em que tinha acabado de ser mãe.

É precisamente a questão da passagem do tempo que leva Miguel Fragata a tentar “desconstruir a barreira que separa o teatro do real”, ao questionar-se sobre o que aconteceu às Arkadinas e aos Treplevs da sua vida — mais concretamente, do seu curso de teatro. Todos esses colegas, quando questionados, responderam que o tempo voou num piscar de olhos.

Segue-se a conversa com os espectadores. E a dada altura João Carneiro chama a atenção para o facto de que “a morte paira sempre sobre a obra de Tchecov, na qual nenhum plano ou ambição das personagens se realizam”. A obra de Anton Tchecov marca esta edição do Festival, o que porventura atesta o recrudescimento da importância da literatura para as novas gerações de criadores. A sessão acaba, mas *A gaivota* de Tchecov está longe de ficar sem asas — ao contrário do que previra Tolstói, revela-nos Graça Corrêa, que detestava tanto o autor d’*O ginjal* quanto o de *Hamlet*.

Pedro Ribeiro



© Pedro Castanheira

Restaurante da Esplanada

HOJE
Legumes recheados
Peixe no forno
Caril de lentilhas e espinafres

AMANHÃ
Piano no forno
Moqueca
Risotto de beringela e tomate

Agenda de Amanhã

O SENTIDO DOS MESTRES
15H00
Casa da Cerca

CONVERSA COM
CATARINA RÔLO SALGUEIRO
& **ISABEL COSTA**
18H00
Escola D. António da Costa

MANUEL LOURENÇO QUARTETO
20H00
Escola D. António da Costa

SAUDAÇÕES
21H30
Teatro Municipal Joaquim Benite

O BEIJO NO ASFALTO
21H30
Teatro Municipal Joaquim Benite

SÓ MAIS UMA GAIVOTA
21H30
Fórum Municipal Romeu Correia

O Livro do Dia



A CTA estreou em Janeiro de 2020 o texto *Viagem de Inverno*, da austríaca Elfriede Jelinek, vencedora do Nobel da literatura 2004. A peça teve encenação de Nuno Carinhas, e interpretação de Ana Cris, Flávia Gusmão e Teresa Gafeira.

2€ na Banca do Festival